Transitividade nos Relacionamentos

Quando duas pessoas formam um vínculo, um fenômeno de conteúdo interativo parte para uma absorção biforme que se funde em uma vibração uníssima. Porém existem partes do indivíduo que são exclusivas suas e além destas partes coexistem estruturas que não podem se vincular por intermédio da comunicação com o outro ser alvo do objeto de comunicação.

Então o sujeito integral A ao se posicionar através de um canal com um sujeito integral B, oferece como conteúdo fracionado uma parte de si para a formação de uma sinergia entre ambos.

Assim existirá um sujeito a’ muito similar em termos de homogeneidade com um sujeito b’ em que a formação de um laço social é formado a partir da aproximação dos conteúdos existentes entre os dois indivíduos.

Porém o sujeito que se mostra a’ é um sujeito evidenciado que não oferece uma distinção entre o sujeito particionado b’. Ambos passam a comutar ideogramas neurais que passam a canalizar as apreensões para zonas mais profundas e exclusivas (E) dos indivíduos que se interceptam AE; e, BE.

Essa parte do Eu exclusivo do indivíduo também se fragmenta em duas porções: A’ e A’’ (AE) da mesma forma para o outro sujeito formador do par relacional B’ e B’’ (BE).

A parte exclusiva A’ abastece sensações, sentimentos e pensamentos concordantes do indivíduo que exercem uma pressão para que a área a’ ∩ b’ sofra uma força que tenda a junção para o ∞; por outro lado a área A’’ abastece o indivíduo com sensações, sentimentos e pensamentos para criar uma barreira e retrair a área de junção a’ ∩ b’ para fazer com que a conexão tenda a 0 (zero).

Os indivíduos ao se inserirem dentro de contextos sociais estabelecem pactos de atuação onde áreas concordantes e discordantes se interceptam dentro de um modelo de convivência sensorial.

Jamais dois indivíduos permutam uma mesma sintonia de funcionamento, razão em que a disparidade de organização é relativa a forma, o tempo e espaço variantes em que as informações são canalizadas e passam a compor a individualidade de uma pessoa.

Então sempre a junção a’ ∩ b’ estarão associados candidatos à conexão a’1 e a’’2 em conflito com os atributos contidos em b’1 e b’’2. Sendo os de ordem 1 (um) deste segmentos elementos complementares ou concordantes, e os de ordem 2 (dois) elementos candidatos a dissociação ou discordantes.

Que ao entrarem em rota de transmissão, ao se interceptarem passam por transformações de conteúdo comandados pelas forças exclusivas do indivíduo.

Deste sistema decorre a criação de uma barreira artificial em torno da fronteira da intercepção que dá passagem a informação adicionada em uma zona cerebral do indivíduo que não é capaz de liberar a força contrária ou desejada conforme o ritmo de impregnação que ela deslocar atributos que gerem desequilíbrio funcional para um indivíduo.

Essa barreira artificial é criada na região onde o contato com o fragmento do outro lançar um mecanismo reativo contrário à homeostase, na fronteira de A’’ e A’ com a’ e do outro lado, no outro indivíduo a zona que estabelece um bloqueio entre B’ e B’’ com b’.

Tudo que consegue irromper esta barreira parte de um princípio de consentimento em que o indivíduo projeta para dentro de si um conteúdo que passa a pertencer a sua parte exclusiva.

Onde até mesmo emanações de sofrimento são mecanismos passados pela fronteira do desconhecido onde o indivíduo carecia de determinado valor que fosse necessário para o seu desenvolvimento consciencional. Visualizado como uma necessidade de nivelamento, de avanço de perspectivas, de compreensão de fatores não catalogados, de absorção de estímulos em que o indivíduo não detinha conhecimento, de núcleo acessório para validar, realçar, fracionar e construir conceitos que supostamente eram necessários para o desenvolvimento pessoal.

Isto se baseia em uma verdade, que é construída como uma tendência que o indivíduo manifesta em vivenciar e experimentar sensações de cunho existencial.

A construção desta verdade é inerente a um saber que está enclausurado dentro do próprio individuo, e este passa a se abastecer dele para que seu desenvolvimento possa acelerar ou reduzir a velocidade em que as transformações são necessárias em seu interior.

Portanto existe uma permuta, entre um elemento difuso externo que toma conta do imaginário deste indivíduo e dos elementos anteriormente associados e que já fazem parte da atmosfera interior do ser que se constrói e reconstrói a todo momento.

Essa zona proximal que é canalizada artificialmente e que serve como filtro para conduzir o indivíduo a uma contínua estabilidade: a’ ∩ b’ é vulgarmente conhecida como zona delimitadora, ou zona propensa ao conflito.

Ela pertence a um núcleo interno do sujeito onde este se predispõe a reagir sem ser integralmente tocado. A fim de que as transformações exigidas pelo contato possam ser objeto de um outro tipo de transformação onde quem irá determinar o que deve adentrar na psique humana são as resultantes das combinações dos elementos que se somam em sistema iterativo {(a’1 ∩ b’1) ∪ (a’1 ∩ b’2) ∪ (a’2 ∩ b’1) ∪ (a’2 ∩ b’2) ∪ (a’1 ∩ a’2) } para o sujeito A e, {(b’1 ∩ a’1) ∪ (b’1 ∩ a’2) ∪ (b’2 ∩ a’1) ∪ (b’2 ∩ a’2) ∪ (b’1 ∩ b’2) } para o sujeito B par relacional no sistema de comunicação.

Onde as barreiras ao conhecimentos são influenciadas por mecanismos de propensão a um indivíduo se permitir conhecer partes da zona exclusiva do indivíduo ao permitir que as áreas fronteiriças se locomovam para zonas mais profundas do indivíduo formador do par relacional.

Razão formada em que os laços {(a’1 ∩ b’2) ∪ (a’2 ∩ b’2)} se fortalecem rompendo a barreira formada entre a zona A’’ e A’ para o indivíduo receptor e um avanço do indivíduo emissor no sentido de fortalecer porções de sua zona exclusiva B’ para a exposição de um conteúdo em que faça convergir o outro ser para uma necessidade de permuta de sinergia antes ignoradas ou repudiadas pelo sentido lógico da afetação.

No qual o mesmo pensamento pode ser construído pelo revezamento em que A passa a agir como emissor ao fortalecer sua zona exclusiva A’ para uma exposição de conteúdo em que faça convergir o outro ser para uma necessidade de permuta de sinergia também ignorada ou refutada em que o laço sobre o receptor B é formado pela ampliação do domínio de {(b’1 ∩ a’2) ∪ (b’2 ∩ a’2)}.

Os dois parágrafos anteriores fazem parte do deslocamento da zona de conflito no sentido de ampliação da experimentação entre dois indivíduos. Quando se fala em zona de conflito, não significa porém que a formação do atrito esteja presente dentro dos pressupostos, mas que a incorporação dos elementos ou atributos contidos nestas zonas podem levar os indivíduos a um estabelecimento reativo negativo em que as partes podem entrar numa espécie de embate entre distintas percepções cada qual embasada em suas áreas de região exclusiva.

O gap (a’1 ∩ a’2) para o indivíduo A e o gap (b’1 ∩ b’2) para o indivíduo B são sistemas de chaveamento que estabelecem proporções em que o próprio indivíduo se permita ativar um conteúdo uníssono ao ser estabelecido por um canal de comunicação. Onde em nosso esquema de imagem dinâmica em nosso site LenderBook está representado por (ab)’ e (ab)’’. <http://www.lenderbook.com/pagina.asp?IdMenu=69550>

Eles estabelecem probabilidades em que o sujeito se deixa absorver uma informação que irá transformar um conteúdo interno seu. Além de estabelecer um endosso de que nada irá ser deslocado para o interior do indivíduo sem que o código interno de inserção esteja presente como um conteúdo válido para ser enviado ou encaminhado para a área exclusiva específica para o tipo de informação catalogada pelo indivíduo.

Por outro lado os indivíduos procuram muito mais se afetar por áreas de endosso concordantes no sentido que um receptor será muito mais flexível quando sua junção de encaixe estabelecer um vínculo entre {(a’1 ∩ b’1) ∪ (a’2 ∩ b’1) ∪ (a’1 ∩ a’2) } quando o indivíduo B for o emissor; no sentido contrário, quando o indivíduo A for o emissor a lógica de afetação será: {(b’1 ∩ a’1) ∪ (b’2 ∩ a’1) ∪ (b’1 ∩ b’2) }.

Porque assim como os amantes é o sujeito receptor canalizador de uma concordância de afeição em que é fundamental para a formação do circuito lógico da afetação.

Porém o atrito se forma quando a relação {(a’1 ∩ b’2) ∪ (a’2 ∩ b’1) ∪ (a’2 ∩ b’2) ∪ (a’1 ∩ a’2) } para o sujeito A receptor entra em choque com a relação {(b’1 ∩ a’2) ∪ (b’2 ∩ a’1) ∪ (b’2 ∩ a’2) ∪ (b’1 ∩ b’2) } do seu par relacional. Onde a resultante é o sofrimento, a intemperança, a aproximação da necessidade interna do extermínio do outro, do avanço da influência negativa de um indivíduo sobre o outro, da dor, da opressão, rancor, ódio e depressão.

Max Diniz Cruzeiro

Neurocientista Clínico

Psicopedagogo Clínico

Estudante de Teoria Psicanalítica